

Restolho

A Violência Simbólica

Portanto, quem conhece o seu Eu e a sua patologia. Gostas de etologia, gostas de animais, mas reconheces que eles são mais estúpidos que tu e mesmo alguns humanos também, pois nunca saem de um registro de senso-comum, machista, patriarcal. Por isso as mulheres se fartam, ou apenas querem dinheiro para gastar dinheiro do Centro Comercial... Muitos, mesmo professores de faculdade, acham que o consumo de medicamentos é para os drogados e não para a gente comum, portanto, talvez nunca tivessem tido problemas ou na verdade talvez queira denegrir e derrubar uma certa pessoa. Sim, porque por vezes quanto mais se faz pior é e o mal é para aqueles que não têm consciência da (sua) finitude, da sua mortalidade, pois já dizia a minha avó Telma, “quando mais a gente se abaixa, mais o c... se lhe vê”...

Por vezes, a tua condição homem sapienssexual, tem muito disto, o esquecimento, no teu tempo, para chegar a uma certa forma de imortalidade, simbólica, como diz Carlos Fiolhais, até ao último que se lembra de nós. Por isso, as lutas da sociedade na era da informação, tem tudo a ver com isso, violência simbólica, totalitária (Mafesolli, *A Violência Totalitária*), que por vezes, nem que seja pela palavra, é bem mais cruel do que a verdadeira, a real, física...

Não era preciso ser assim, não havia necessidade, mister, enquanto outro concentram a sua felicidade na crítica dos outros, na insidiosa vontade de ferir o Outro para se sentirem vivos. Há quem se sintam vivos e seja feliz assim. Isso tem que ver com a personalidade, mas nem só, tem que ver com o planeta, sobretudo... não tanto com a economia, mas mais com a ecologia, uma “ecologia da mente” (Guattari)...

De resto, seguindo Le-Breton, a associação dá-se apenas quanto me dizem o que quero ouvir, ou seja, eu faço parte de um grupo que tem os mesmos interesses do que eu e, por exemplo, para ter a aderência ao campo do religioso (Bourdieu), eu preciso de me preparar para ouvir a verdade, mas também muitas críticas, daí que muita gente prefiro ser anónimamente indiferente, ou seja, trabalham para um anonimato feliz, em vez da sujeição a um comunitarismo (Baumann). Nunca a proposta de Lipovetski esteve tão certa e actual (*A Sociedade Paradoxal*), ou seja, estamos felizes com coisas que tradicionalmente são apenas um pormenor da felicidade dos outros, daí também a ideia de Lévinas (*Totalidade e Infinito*) e também a de Innerarity, que fala de uma sociedade da invisibilidade que acarreta a invisibilidade do sujeito. Podia adiantar, que nunca a transparência do mal fosse tão visível e efectiva como hoje, tudo é viajado, tudo é escrutinado, perde-se o mistério, a paciência, perde-se, logo também, o Tempo, o homem perde-se no Tempo... O meu tempo e o dos outros, o deusa-tempo dos americanos na Síria, homens e mulheres, enquanto outro se lamentam em Jerusalém...No extremo, é a sociedade por inteiro que se torna invisível e, por consequência, os cidadão, uns com os outros, será o fim das ciências sociais, da antropologia social, da sociologia, da etologia social, neste restolho teórico em seu afã científico...

Victor Mota